

PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE FREQUENTADORES DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS: UM ESTUDO NO MUNICÍPIO DE CORRENTES, PE

Ana Maria Severo Chaves

Geógrafa - UPE

Anamschaves05@gmail.com

Maria Betânia Moreira Amador

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Professora adjunta da Universidade de Pernambuco - UPE

betaniaamador@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho aborda a percepção ambiental de frequentadores de espaços livres públicos a partir dos modos de usos e apropriação dos mesmos, na cidade de Correntes-Pernambuco. Esses espaços desenvolvem uma funcionalidade própria decorrente dos fluxos e fluxos presentes, entre suas principais finalidades encontra-se o uso coletivo, o qual é proporcionado por um espaço agradável, arborizado com a presença de bancos o que permite a permanência das pessoas além da circulação. Como categorias de espaços livres urbanos têm-se praças e canteiros centrais, considerados áreas verdes, quando possuem presença de vegetação. São espaços públicos, que passam por processos de apropriação advindos do desenvolvimento de alguma atividade específica com fins econômicos, que variam de acordo com a percepção dos indivíduos. Objetivou-se realizar um estudo sobre os espaços livres e da presença vegetal arbórea ou não, através de abordagem sistêmica, considerando-se o verde urbano essencial para a sensação de bem estar, conforto e beleza para a população, que por sua vez, se apodera da mesma usufruindo de seus benefícios. Para tal teve-se nos textos de Carvalheiro *et al.*, Lima *et al.*, Tuan e Dardel os norteadores no desenvolvimento do presente trabalho, possibilitando compreender como população utiliza e percebe esses espaços na malha urbana.

Palavras-chave: Geografia; Fenomenologia; Organização Espacial; Áreas Verdes Urbanas.

PERCEPTION OF ENVIRONMENTAL PUBLIC SPACES GOERS: A STUDY OF THE CITY OF CORRENTES – PE

ABSTRACT

The present work addresses the environmental perception of public open spaces goers from the modes of uses and ownership of the same, the city of Correntes-Pernambuco. These spaces develop their own functionality due to the fixed and flows gifts, between its main purposes is the collective use, which is provided by a pleasant, wooded with the presence of banks allowing people to remain beyond the movement. As urban open space categories have been squares and medians, considered green areas, when they have the presence of vegetation. Are public spaces, passing through processes of appropriation arising from the development of a specific activity for economic purposes, varying according to the perception of individuals. The objective was to conduct a study on the open spaces and natural vegetation presence or absence, through systemic approach, considering the essential urban green for the sense of wellbeing, comfort and beauty to the population, which in turn, takes possession of it enjoying its benefits. To this had it in the texts of Carvalheiro *et al.*, Lima *et al.*, Tuan and Dardel the guiding the development of this work, allowing understand how people use and perceive these spaces in urban working out.

Keywords: Geography; Phenomenology; Spatial Organization; Urban Green Areas.

Recebido em 21/04/2014

Aprovado para publicação em 19/01/2015

INTRODUÇÃO

Os espaços livres públicos, como praças, parques e canteiros centrais ou não, representam os espaços urbanos de usos coletivos destinados as mais diversas atividades sociais. São espaços vividos e percebidos de maneira diferente por seus frequentadores que deles fazem usos ou se apropriam como lhe convém de acordo com suas necessidades dentro da cidade.

A cidade por sua vez, é o espaço construído pelo homem, para o homem, que segundo a fenomenologia geográfica de Dardel (2011, 27), “a geografia encontra no espaço construído, um espaço que é obra do homem. [...] a forma mais importante do espaço construído está ligado ao hábitat do homem”. É nesse espaço de construção e desconstrução que o homem estabelece suas relações sociais, seu comportamento diante das impossibilidades que se apresenta em sua relação com o seu meio habitado.

O homem fez e faz da cidade seu *habitat*, e mesmo sendo artificial, nela sempre permanece a natureza, matéria essencial ao bom desenvolvimento do ambiente citadino e da vida humana. Essa natureza disposta para a sociedade através dos espaços livres públicos e também privados representada, principalmente e quase que unicamente pela vegetação e arborização constituindo, as quais constituem as áreas verdes urbanas.

As áreas verdes urbanas, devido à presença da arborização e vegetação, desenvolvem varias funções na cidade, da mais simples como proporcionar um espaço agradável e sadio para recreação, lazer, circulação, estética, as mais complexas como proporcionar um equilíbrio ambiental filtrando a poluição do ar e a sonora entre outras, também contribuir para amenização de altas temperaturas e valorização econômica de seu entorno. Uma vez que, espaços livres públicos com presença de áreas verdes proporcionam um ambiente mais agradável ao desenvolvimento das relações sociais nas cidades.

Assim, com bases fenomenológicas conseguiu-se na geografia realizar uma pesquisa, na qual o estudo do espaço que visa e monta as relações dos fenômenos que nele se manifesta, a partir da interação entre o lugar, a paisagem, a região e o território. Pois a fenomenologia estuda as relações vividas no espaço por meio da percepção, nessa linha “O espaço vivido passa a ser construído socialmente através da percepção e da interpretação dos indivíduos, revelando as praticas sociais” (PEREIRA, CORREIA E OLIVEIRA, 2010, p. 176).

Pois, no contexto da geografia humanista baseada na filosofia do significado como a fenomenologia e o existencialismo, a paisagem formada pela interação dos objetos e relação vivida e estabelecida no espaço é revelada no lugar único com uma identidade própria torna-se um conceito valorizado, do mesmo jeito ocorre com a região, enquanto o conceito de território apresenta-se na geografia humanista como uma de suas matrizes. Já o lugar torna-se o conceito chave, enquanto o espaço por sua vez, adquire o significado de espaço vivido (CORREIA, 2000, p. 30).

Esse espaço vivido de acordo com Holzer (1992, p. 440) citado por Corrêa (2000, p. 32) compreende-se como uma experiência continua egocêntrica e social, que acontecem dentro de um espaço-tempo vivido em movimento, referente ao afetivo, ao magico ou imaginário. Revela-se na interação colocada pelo indivíduo com seu *habitat*, através das relações sociais estabelecidas na relação de lugar, paisagem, região e território a qual pertence e vivencia. Nesse contexto, os espaços livres públicos permitem uma complexa interação de modo coletivo dentro da cidade, já que, esses espaços urbanos têm como principal função disponibilizar um ambiente que permita o desenvolvimento do lazer da população urbana.

Logo, o presente estudo foi realizado no município de Correntes – PE se partiu de uma análise sobre como os frequentadores dos espaços livres públicos percebem esses espaços categorizados como praças e canteiros, que ao mesmo tempo representam as principais áreas verdes urbanas do referido município, através, dos modos de usos e apropriação desses espaços, reflexo das vivencias neles estabelecidas. Fez-se uma quantificação e análise das principais espécies arbóreas, e também se analisou a contribuição desses espaços livres públicos para a organização espacial do município.

Sendo importante esclarecer que, inicialmente os espaços livres e áreas verdes na cidade em tela, de acordo com alguns autores não podem ser considerados sinônimos, pois espaços

livres de construção constituem-se de espaços urbanos ao ar livres destinado em geral à recreação, enquanto áreas verdes é um tipo especial de espaços livres, os quais são compostos com pelo menos 70% da área por vegetação / arborização e solo permeável, visto que a existência de espaços livres públicos não possuem nenhuma presença de vegetação, por isso se faz necessário realizar-se a presente distinção estabelecida, principalmente no trabalho de Cavalheiro *et al.* (1999).

Fato esse constatado, que por vezes não chega a ser percebido, principalmente quando se trata do verde de espaços públicos, nos quais a população não tem a necessidade, nem preocupação de cuidar de tal bem comum vivenciado de forma coletiva. Assim objetivou-se uma verificação dos principais tipos de vegetação arbórea presentes em praças e canteiros centrais do município em estudo, ao mesmo tempo em que se investigou a importância dos espaços livres públicos para o contexto social, tendo-se como referência a inter-relação homem / homem, homem / natureza através da percepção ambiental a partir das vivências dos frequentadores desses espaços.

Logo, para atingir os objetivos propostos, adotou-se uma metodologia qualitativa e quantitativa analítica com base na percepção dos moradores de Correntes-PE e visitantes dos espaços livres estudados, pois se levou em consideração a percepção individual e coletiva numa análise sistêmica dos principais usuários de tais espaços, e a significação que representa em suas vidas. Sendo relevante o sentimento de lugar que cada entrevistado demonstra com o ambiente em que se encontra em um sentimento topofílico. Esse sentimento deriva do termo Topofilia usado por Tuan onde, “topofilia associa sentimento com lugar [...] que certos meios ambientes possuem o irresistível poder de despertar sentimentos topofílicos” (TUAN, 1980, p. 129).

Dessa forma, se verificou nas literaturas consultadas que o tema em aqui trabalhado vem sendo cada vez mais discutido na atualidade em diversas linhas de pesquisas, pois os espaços livres públicos são grandes aliados ao bem estar da população e ao mesmo tempo servem à especulação imobiliária, fazendo uma oposição à problemática do ambiente tão humanizada e livre de objetos naturais que proporcionam a sociedade comodidade em ambiente verde na convivência da relação interpessoal no decorrer do dia-a-dia.

Estudos nessa direção visando aos benefícios da natureza em função da inter-relação dos moradores, para conhecer a realidade presente na relação existente entre população junto aos espaços livres e áreas verdes, são relevantes para a compreensão das relações estabelecidas na atualidade nesses espaços de uso coletivo como praças e canteiros centrais urbanos. Assim, procura-se entender as principais razões que levam os moradores a procurarem esses espaços livres existentes, que por sua vez, repercutem na paisagem verde do município pesquisado.

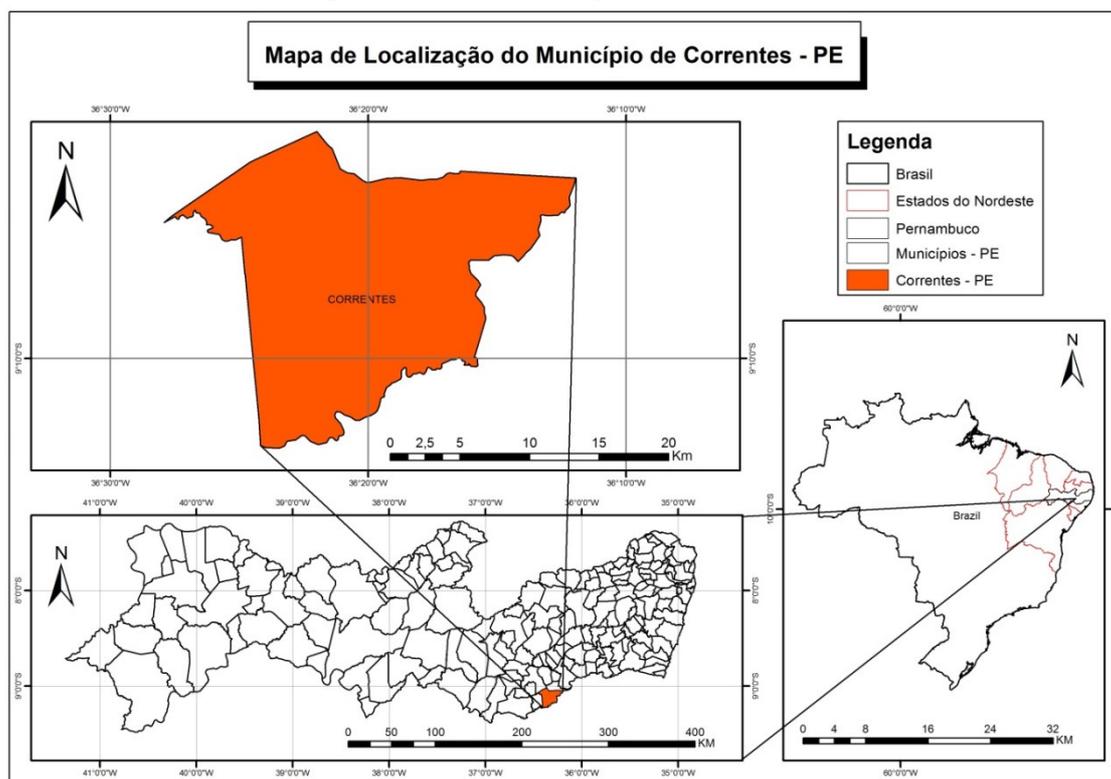
Com a abordagem sistêmica na realização da pesquisa foi possível enxergar além dos objetivos propostos, pois pensar sistêmico é pensar complexamente o que segundo Amador (2011, p.99) “requer trabalhar com o objeto em contexto, ampliar o foco e conseguir visualizar sistemas amplos. Tira-se o foco exclusivo do elemento e incluem-se as relações”, alcançando assim um resultado mais amplo e subjetivo por vezes, pois vai além da problemática em estudo abrangendo problemas gerais, envolvendo o verde dos espaços livres urbanos, como a parte social e suas ações com o meio.

De acordo com Tuan (1983, p.6) “o que começa como espaço indiferenciado, transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”, valor dado a partir das relações estabelecidas com o espaço vivido, caracterizando assim um lugar que passa a possuir identidade, reflexo dos seus modos de usos e apropriações que se estabelece pelos fixos e fluxos presentes no espaço de acordo com as experiências desenvolvidas e percebidas pelos indivíduos no lugar.

A experiência por sua vez, vai abranger as diferentes maneiras que as pessoas passam a conhecer e construir a realidade, partindo das relações estabelecidas com a sociedade e o lugar vivido. Assim, a experiência varia desde os sentidos mais diretos, orgânicos (olfato, paladar e tato), aos sentidos passivos como a percepção visual e indiretamente a simbolização. A experiência é voltada para o mundo exterior, no qual ver e pensar claramente vai além do indivíduo, pois ele é um reflexo do vivido, o que implica na capacidade do homem aprender a partir das próprias experiências (TUAN, 1983).

O município em estudo, Correntes (figura 1), possui uma população de 17.419 habitantes (IBGE, 2010), localiza-se na mesorregião Agreste e na Microrregião Garanhuns do Estado de Pernambuco, limitando-se a norte com Garanhuns e Palmeirina, a sul e leste com Estado das Alagoas, e a oeste com Lagoa do Ouro, tem uma altitude aproximada de 391 metros e coordenadas geográficas de 09° 07' 44" S e 36° 19' 49" O.

Figura 1. Mapa de localização de Correntes – PE



Fonte: Adaptado por Severo; França, 2014.

O Município de Correntes-PE está inserido na unidade geoambiental do Planalto da Borborema, formado por maciços e outeiros altos, com altitude variando entre 650 a 1.000 metros. Ocupa uma área de arco que se estende do sul de Alagoas até o Rio Grande do Norte. O relevo é geralmente movimentado, com vales profundos e estreitos dissecados. O município foi criado em 27/05/1879, pela Lei Provincial n. 1.423, sendo formado pelos distritos de: Corrente (sede) e pelos povoados de Poço Comprido, de Pau Amarelo e Olho d'Água do Gois. Anualmente, no dia 27 de agosto, Correntes comemora a sua emancipação política e entrou na nova delimitação do semiárido em 2005. Sua economia é baseada na agricultura, pecuária, comércio em geral e serviços públicos.

METODOLOGIA

Para a realização de todo trabalho se fez necessário o uso de um método que possibilite a efetivação da pesquisa, pois é o caminho adotado por pessoas e pesquisadores para se chegar a um determinado fim objetivado. O método científico corresponde a um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento. Logo, com o uso de determinados métodos, os pesquisadores procuram garantir a objetividade necessária aos seus estudos.

A metodologia adotada para realização da pesquisa foi de cunho fenomenológico que é o estudo das essências dos fenômenos, pois todos os problemas, segundo a fenomenologia, tornam a definir uma essência como a essência da percepção, da consciência, da existência

(TRIVIÑOS, 2012, p. 43). Usufruindo de métodos quanti-qualitativos uma vez que os resultados abrangem desde quantidades a análises subjetivas sobre o tema, que exige uma discussão abrangente que não pode ser apenas mensuradas em quantidades.

O método qualitativo corresponde a questões particulares enfocando um nível de realidade trabalhando com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. É, portanto, uma pesquisa também participativa, na qual “Os participantes da pesquisa podem direcionar o rumo da pesquisa em suas interações com o pesquisador” (FALCAO, 2009, p. 194), pois, procura-se entender um fenômeno com profundidade em sua complexidade. Assim, a pesquisa foi se adequando com o decorrer de seu desenvolvimento.

Assim, realizaram-se entrevistas abertas, que se conduziu naturalmente para diálogos com os frequentadores dos espaços livres públicos, que ora foi realizado individualmente, ora com grupos de frequentadores, e, registros fotográficos dos espaços estudados. Fazendo assim uma documentação dos estudos em campo e, ao mesmo tempo, foi possível verificar as relações existentes entre frequentadores e espaços livres públicos, os quais também representam as principais áreas verdes urbanas do município, motivo que leva a estudar a percepção ambiental desenvolvidas nesses lugares dispostos para a coletividade.

E com base na percepção dos frequentadores dos espaços livres públicos de Correntes – PE, além das entrevistas e diálogos estabelecidos, construiu-se um quadro analítico referente aos principais modos de uso e apropriação de cada espaço estudado, bem como a percepção ambiental presente a cada praça e canteiro. Visto que a verificação da percepção ambiental é uma das intencionalidades da presente pesquisa, pois a intencionalidade é a consciência que está dirigida a um objetivo e essa é a ideia fundamental, básica, da fenomenologia (TRIVIÑOS, 2012, p. 42).

A utilização de métodos quantitativos refere-se a um dos objetivos que foi a quantificação das principais espécies arbóreas das praças e canteiro central. A partir da quantificação, formularam-se gráficos, os quais permitiram a realização de uma análise acerca da tipologia e adequação arbórea ao espaço em que está inserida. Isso dentro de um enfoque sistêmico, na análise dos espaços livres públicos, uma vez que estamos dispostos a numerosas relações do objeto estudado com o meio externo, pois são “sistemas abertos que estão em constante intercâmbio com o meio” (TRIVIÑOS, 2012, p. 81).

O pensamento sistêmico é contextual, onde para se compreender alguma coisa é necessário entendê-la como tal, e em um determinado contexto maior, ou seja, como componente de um sistema maior que é o seu também, este denominado ambiente dentro de uma virtude própria. A virtude sistêmica segundo Morin (2005) pode ser entendida como dito a seguir: “situar-se a um nível transdisciplinar, que permite ao mesmo conceber a unidade da ciência e a diferenciação das ciências, não apenas segundo a natureza material de seu objeto, mas segundo os tipos e as complexidades dos fenômenos de associação/organização” (MORIN, 2005, p.20).

Assim, partimos da concepção de alguns autores, como foi inicialmente contextualizado. A conceituação de Cavalheiro *et al.*(1999) sobre espaços livres de construção e áreas verdes urbanas; conceituação elaborada nos estudos de Sá Carneiro e Mesquita (2000) estudo propriamente dito do espaço urbano, divide a cidade em espaços edificados e espaços livres de construção; Loboda e De Angelins (2005) com seu trabalho sobre conceitos, usos e funções das áreas verdes urbanas; no livro de Serpa (2009) sobre o espaço público na contemporaneidade; Benini (2011) trabalho contextualizando o entendimento do que são áreas verdes urbanas; e Chaves e Amador (2012 e 2013), em seus estudos sistêmicos acerca do verde urbanos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O ambiente urbano é um conjunto dissociado de espaços construídos e espaços livres de construção, esses espaços são dispostos sobre uma organização funcional, que regram a própria organização espacial urbana e fluxo de pessoas na cidade. Sendo que para maior esclarecimento toma-se como referência o trabalho das autoras Sá Carneiro e Mesquita, o qual coloca os espaços urbanos edificados como “áreas ocupadas de maneira significativamente

densa pelas construções que atendem as atividades do meio urbano: de uso residencial, comercial, industrial, de serviços de educação, saúde, educação, entre outros". (CARNEIRO; MESQUITA, 2000, p. 24).

E, ainda, segundo as autoras classificam espaços livres como áreas parcialmente edificadas com nula ou mínima proporção de elementos construídos ou de vegetação, como, por exemplo, avenidas, ruas, vielas, entre outros. Ou com presença de vegetação, como por exemplo, praças, parques, jardins, canteiros, etc. que tem como funções no espaço urbano de recreação, circulação, composição paisagística e de equilíbrio ambiental (CARNEIRO; MESQUITA, 2000).

Cavalheiro, *et al.* (1999), esclarece que a legislação brasileira estabelece que o município é dividido em: zona urbana, de extensão e zona rural. Sendo a zona urbana constituída por três sistemas:

- Sistema de espaços com construção;
- Sistemas de espaços livres de construções;
- Sistemas de espaços de integração urbana;

Esses sistemas abrangem as paisagens urbanas compreendendo as habitações, indústrias, comércio, hospitais escolas, bem como praças, parques, canteiros, águas superficiais, e as redes rodoviárias.

ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

A cidade é em sua essência um ambiente complexo, no qual se desenvolve relações múltiplas caracterizando a sociedade e seus aspectos sociais, econômicos e também ambientais. Quando falamos em aspectos ambientais urbanos eles são quase que exclusivamente ligados à presença da vegetação em sua maioria na forma de arborização presente nos espaços livres de construções, que podem ser privados ou públicos.

Os espaços livres de construções públicos são categorizados em parques, praças, outros espaços urbanos ao ar livre, destinados a todos os tipos de utilização como os relacionados a caminhadas, descansos, passeios, práticas de esportes em geral, a recreação e entretenimento. Desempenham funções de lazer, estética, ecológica-ambiental, essa última relacionada à presença de áreas verdes, entre outras. (Cavalheiro *et al.*, 1999).

Cavalheiro *et al.* (*op. cit.*) considera as áreas verdes como um tipo especial de espaços livres, no qual, tem a vegetação como elemento fundamental em sua composição que junto a um solo permeável deve representar 70% da área e satisfazer a três objetivos principais que são: ecológico-ambiental, estético e de lazer. Assim, na concepção desse autor, canteiros, pequenos jardins de ornamentação, rotatórias e arborização e/ou calçadas, não são considerados áreas verdes e sim de arborização de acompanhamento viário, pertencendo assim a categorias de espaços de integração urbana.

No estudo de Sá Carneiro e Mesquita (2000), propriamente dito do espaço urbano, sobre o ponto de vista da sua constituição física, é considerado como um conjunto de espaços edificadas e de espaços livres de construção. As autoras denotam que, para poder se estudar o espaço urbano é necessário o conhecimento destes dois conceitos onde, os espaços edificadas são todas aquelas áreas ocupadas por construções, exercem atividades particulares do meio urbano, ou seja, é um conjunto de áreas edificadas pelo resultado das ações humanas na estrutura urbanística ao longo das gerações.

Já espaços livres são áreas parcialmente edificadas com nula ou mínima proporção de elementos construídos ou de vegetação, como por exemplo, avenidas, ruas, vielas, etc. ou com presença de vegetação, como por exemplo, praças, parques, jardins, canteiros, etc. que têm como funções no espaço urbano de recreação, circulação, composição paisagística e de equilíbrio ambiental (CARNEIRO; MESQUITA, 2000). As autoras não fazem nenhuma determinação específica para determinar quando um espaço livre passa a ser, também, uma área verde, apenas categorizando esses espaços com presença de vegetação como elencado acima.

O trabalho de Loboda e De Angelins (2005) refere-se a áreas verdes, no qual os autores fazem um estudo histórico e registram a influência exercida pelos jardins franceses no surgimento das

áreas verdes, que antecederam e deram origem as praças e parques, principais espaços livres abertos à população. E são as praças que possuem maior representatividade na história devida as suas representações diante a sociedade.

Os últimos autores referidos (*op. cit.*) fazem referências à praça como símbolo de liberdade representada na Ágora ateniense, era lugar onde, era possível fazer reuniões e cada um podia dar sua própria opinião, a símbolo do poder, representada pelo Fórum romano era o local de comércio e de política popular. Nessas duas representações a praça é vista como lugar de relações e vivências.

Loboda e De Angelins (2005), fazem uma crítica à realidade atual das praças, pois segundo eles, elas foram reduzidas a oásis de verde, ou a meros espaços de estacionamento, em uma cidade, que com o seu destruidor poder urbano, não dá mais espaço ao prazer de viver em coletividade, fazendo com que as pessoas tenham perdido o encanto de estar junto e do confronto direto nesses espaços destinados ao uso público. Porém essa crítica feita as praças pelos autores, não pode ser uma generalização, pois em muitos lugares a culturas se sobressaem e as praças ainda são representações marcantes da história e das relações urbanas, apesar de apresentarem-se menor representatividade decorrente das necessidades contemporâneas.

Serpa (2009) com seu livro “*O Espaço Público na Cidade Contemporânea*”, mostra como o espaço público, lugar de uso coletivo ao lazer, passa a ser por vezes privatizados por certas classes sociais. Segundo o autor o espaço público é compreendido, sobretudo, como espaços de ações políticas, o qual é analisado sobre uma perspectiva crítica, por sua incorporação como mercadoria para o consumo de poucos, isso dentro da lógica de produção e reprodução do sistema capitalista. Pois, apesar de público, poucos se beneficiam desse espaço teoricamente comum a todos (SERPA, 2009, p. 9).

Assim, Serpa falade “capital escolar e os modos de consumos são determinantes das identidades” (SERPA, 2009, p. 20), presentes nos espaços públicos contemporâneos. Uma vez que, as diferenças e desigualdades articulam-se no processo de apropriação do espaço urbano, onde a apropriação, sobretudo, simbólica dá acessibilidade por meio de um processo de territorialização sobre determinados espaços públicos urbanos.

Esse processo de apropriação é bastante evidente nas grandes cidades, visto que o capital escolar pode ser apresentado pela hierarquia de classes sociais, apresentar-se com maior propriedade em determinadas áreas urbanas apesar de pública, isso também reflete nos níveis de manutenção e organização desses espaços em relação a espaços públicos periféricos. Já as pequenas cidades por sua vez, não apresentam essa apropriação decorrente de classes sociais, e um dos fatores dessa realidade, pode ser a presença de espaços livres limitados ao centro, ou a tranquilidade ainda presente e não marcada pelo territorialização do capital.

Contextualizando Benini e Martin (2011) no entendimento do que são áreas verdes urbanas e em diálogo com Lima no que se refere a atribuições aos espaços livres, que temos entre elas, a presença de arborização ou vegetação que aparece na forma de áreas verdes urbanas que segundo Lima *et al.* (1994), “onde há o predomínio de vegetação arbórea; engloba as praças, os jardins públicos e os parques urbanos. Os canteiros centrais e trevos de vias públicas, que têm apenas funções estética e ecológica, devem, também, conceituar-se como Área Verde” (LIMA *et al.*, 1994, p.549), ainda segundo a autora as áreas verdes, como todo espaço livre, devem serem hierarquizadas segundo suas tipologias que são privadas, potencialmente coletivas e públicas.

Logo, vê-se que as áreas verdes estão presentes com grande frequência nos espaços livres públicos e também em locais particulares. Dentre esses espaços livres urbanos e também áreas verdes Benini e Martin (2011) dão destaque a praça quando diz que “a praça assume também a função de embelezamento da cidade, ao sediar prédios públicos, com proeminente arquitetura oferecendo um espaço convidativo ao lazer e às atividades cívico-religiosas” (BENINI; MARTIN 2011, p. 69).

As autoras colocam em destaques tipos de espaços livres públicos de acordo com sua estruturação, assim: “as áreas verdes (sem infraestrutura, mobiliário urbano e paisagismo) e jardins e parques (com infraestrutura, mobiliário urbano e paisagismo), os quais exercem

funções de lazer, recreação, ecológica, cultural, etc. dentro dos aglomerados urbanos” (BENINI; MARTIN, 2011, p. 69).

Cavalheiro e Del Picchia (1992) explicam que do ponto de vista conceitual, uma área verde é sempre um espaço livre, assim o termo espaço livre deveria ser preferido ao uso de área verde. Os autores ainda colocam que, para o desempenho satisfatório de suas funções, os espaços livres devem ser abordados de forma integrada no planejamento urbano. Ou seja, para esses autores “o paisagista tenha sua ação, tanto no nível da “grande paisagem”, bem como no nível do planejamento das cidades, sugerindo um adequado ordenamento dos espaços urbanos, visando uma integração da natureza com a cultura do ser humano”. (CAVALHEIRO; DEL PICCHIA, 1992, p. 31).

Percebe-se com as colocações de alguns autores que as praças destacam-se das demais áreas verdes, por ela designar um nome homenageando, normalmente, pessoas ilustres no âmbito da sociedade (prefeito, sindicalista, professor, médico, padre, também “santos” entre outros). E são as praças e o principal canteiro central do Município de Correntes-PE os espaços estudados na presente pesquisa. Esse fato se explica também pela quantidade limitada desses espaços livres públicos, além de sua presença (em especial as praças) se restringir ao centro da cidade.

Chaves e Amador (2013), em seus estudos sistêmicos acerca do verde urbano, vão desde trabalhos que abarca o verde de espaços particulares como, jardins e calçadas ao verde público das praças urbanas. Elas fazem referências às praças, categorias de espaços livres de construção, que podem ser áreas verdes ou não, isso vai depender da função desenvolvida pela praça. As autoras assinalam as praças de eventos, que são novos espaços livres públicos dos centros urbanos, representados por grandes extensões livres, que por sua vez são destinadas a atividade específica como as festividades tradicionais ou festas em geral das cidades.

A PERCEPÇÃO DOS PRINCIPAIS ESPAÇOS LIVRES DA CIDADE DE CORRENTES-PE: USO E APROPRIAÇÃO

Para o desenvolvimento desse trabalho escolheu-se os principais espaços livres públicos de Correntes – PE que são:

- A Praça Nossa Senhora da Conceição;
- A Praça Hercílio Victor da Silva;
- A Praça Pedro Alves Camelo;
- A Praça Cursino Jacobina;
- O Canteiro Central da Avenida Raimundo Calado.

Esses são os principais espaços livres públicos e também arborizados no município em estudo, os espaços além de desenvolverem suas funções primordiais como recreação, lazer, melhoramento ambiental ao ambiente cidadão, apresentam uma contribuição na organização espacial do município, devido principalmente as suas localizações, abrangendo desde o ponto central das suas extremidades. Nesses pontos situam-se as Praças Nossa Senhora da Conceição, a Praça Hercílio Victor da Silva e a Praça Pedro Alves Camelo e as duas principais vias de acesso ao município, como também se prestam como divisórias dessas vias em seus principais trechos que tanto pode se dar pela Praça Cursino Jacobina ou pela Avenida Raimundo Calado. A título de esclarecimento coloca-se que as ruas do município das Correntes-PE são divididas em trechos tendo-se como divisão desses trechos a extensão principal da cidade que se inicia na entrada da área urbana e vai até a saída, em direção ao Distrito de Pau Amarelo onde:

- Trecho A - Corresponde as ruas que ficam do lado direito; no sentido de entrada do município, abrangendo a Praça Hercílio Victor da Silva (figura B);
- Trecho B - Corresponde às ruas que se localizam do lado esquerdo, no sentido da entrada do município, abrangendo a Praça Pedro Alves Camelo (figura C);
- Trecho C - Corresponde à parte da cidade denominada Bairro da Bahia que se encontra separada da cidade pelo rio Mundaú, e nesse trecho não se localiza nenhuma área verde.

A Praça Nossa Senhora da Conceição, a Praça Cursino Jacobina e o Canteiro Central da Avenida Raimundo Calado (figura 2, A, D e E) localizam-se na extensão principal que divide a cidade nos trechos A e B.

Figura 2. Visualização dos principais espaços livres públicos de Correntes-PE. A: Praça Nossa Senhora da Conceição; B:Hercílio Victor da Silva; C:Praça Pedro Alves Camelo; D: Praça Cursino Jacobina; E: Canteiro Central da Avenida Raimundo Calado.



Fonte: Google Earth. Acesso em: 25 de novembro de 2013.

Colocando-se, ainda, uma atribuição as praças, pois elas podem ser arborizadas ou não, esse fato vai depender de sua funcionalidade ou intenção, logo, sem a presença de elementos naturais seja a arborização ou vegetação, são destinadas a uma atividade específica como praça de eventos ou praça de alimentação, já as praças arborizadas apresentam diversas atribuições para população, contribuindo para conservação da natureza, a qual foi destruída para construção das cidades e, ao mesmo tempo, necessária para o bom desenvolvimento do ambiente urbano.

Assim, diante desses espaços acima colocados, procurou-se perceber qual é a percepção ambiental de seus frequentadores, investigando-se a importância dos espaços verdes públicos no contexto socioambiental, tendo-se como referência a inter-relação homem / homem e homem / natureza. Foi através de entrevistas abertas junto aos frequentadores desses espaços arborizados, que se estabeleceu um dialogo identificando-se a importância das praças e canteiro central na percepção ambiental dos entrevistados, bem como qual relação eles estabeleciam com esses lugares. Logo, realizou-se uma análise das entrevistas, diálogos estabelecidos se as observações *in loco*, que resultou no presente quadro que especifica as relações e percepção de cada um dos espaços estudados por meio de seus modos de uso e apropriação.

Praça Nossa Senhora da Conceição

A Praça Nossa Senhora da Conceição, teve sua evolução e configurações física atual, junto ao desenvolvimento urbano de Correntes – PE é o principal espaço livre e área verde da cidade. Tem seu nome devido a sua proximidade a catedral, assim sempre foi ponto de encontro e vivência dos moradores de Correntes, e é também a mais frequentada.

Sua utilização varia de acordo com os dias semana (entre segunda e sexta) a praça é alvo de um publico bem variado que vai desde estudantes a adultos e idosos. A praça em um de seus trechos é utilizada como bar, devido à permanência de um trailer (bar improvisado) colado na praça. E sendo o centro da cidade (localização) é cercada pelo principal comércio, qual apresentam certa quantidade de bares, cujos donos colocam mesas e cadeiras na praça e servem seus clientes lá mesmo, independente do dia, porém essa atividade é mais visível durante as noites de sexta e

sábados, dias que a população tem maior espaço para socializar e aproveitar com seus colegas.

No meio da praça tem um caramanchão que é utilizado pelos moradores como uma área de lazer e permanência, fato advindo da presença de bancos, que convidam que os frequentadores da praça possam por lá permanecer durante certo tempo, desfrutando de um ambiente agradável. Assim grupos de amigos usufruem jogando conversa fora socializam as novidades e brincam de dominó e baralho em seus horários de ócio. Ela também tem uma pequena sorveteria, que não funciona diariamente, de certeza só aos sábados dia da ferra da cidade e a praça é principal ponto de encontro, da população da cidade e das áreas rurais.

Também são utilizadas pelos funcionários de mercados próximos que se utilizam do grande espaço das calçadas da praça para estender as lonas dos caminhões de carga que chegam com a mercadoria. Por casais de namorados, crianças que brinca e estudantes da zona rural que tem a praça como ponto de espera os transportes escolares.

Em relação aos frequentadores e grupo de amigos e colegas que se encontravam na praça jogando baralho, passeando, foi feito entrevistas com perguntas abertas com a intenção de descobrir a função da praça, bem como a importância desse espaço arborização para o grupo ali presente assim chegou a seguinte resposta coletiva “a praça é lugar de descanso e lazer com os colegas e a arborização é importante por causa de seus benefícios como a sombra proporcionada pelas árvores”.

Percepção ambiental, por parte de muitos frequentadores, apesar de disfrutarem e exercerem algumas atividades nesse espaço livre público, não é percebido por eles a importância ampla desses espaços livres públicos principalmente quando arborizados, isso é decorrente pela falta de um olhar mais apurado e científico a respeito desses lugares e nesse momento que se ver a necessidade de ser trabalhado junto a população as principais funções desses espaços bem como os benefícios para o ambiente urbano.

Praça Hercílio Victor da Silva

A praça é localizada ao lado do Colégio mais tradicional do ensino fundamental do município, logo seu público principal são estudantes, que utilizam do espaço da praça, enquanto espera o horário da aula ou após a mesma, para conversa ou brincar com os colegas de salas. Também é frequentada por casais principalmente de estudante e a mesma ainda é sede de um centro comunitário de informática.

Teve uma de suas esquinas apropriadas por uma barraca de lanches, bastante frequentada pelos estudantes e os moradores próximos. Constatou-se, então, que a praça é bastante frequentada de segunda a sexta pelos estudantes e usuários do centro de informática devido, principalmente, a sua localização. Aos sábados, basicamente é frequentada por alguns feirantes, e aos domingos ela praticamente apresenta apenas, a função de circulação por moradores do município, um permanências de curto período por grupos de amigos.

É um lugar agradável e a presença de uma boa área verde arborizada, os estudantes mostram-se ter bom entendimento sobre a importância desse espaço livre, porém não tem uma relação de zelo, acabando por vezes sujando o espaço com embalagem de lanches, brincam sobre a grama e sobem nas árvores, por vezes quebrando os galhos novos e frágeis. Grupos de frequentadores da noite, às vezes cometem atos de vandalismo, pichando o muro do colégio e quebrando as lâmpadas da praça.

Praça Pedro Alves Camelo

É uma praça com pouca arborização, destinada a eventos culturais e apresentações teatrais, denominada de praça de evento. A população que reside em seu entorno percebe esse espaço através de importantes benefícios, quais sejam, oxigênio mais saudável, sombra, amenização das altas temperaturas e ventilação nas casas providas pelas poucas árvores. Pois por ser uma grande extensão concretizada a radiação solar é minimizada devida as poucas árvores presentes.

A praça possui, também, em seu entorno o desenvolvimento de algumas atividades econômicas como um salão de cabelereiro para homens, um salão de manicure, residências, prédios públicos e outros serviços, além de ser bastante usada por crianças para brincar de bola e por casais de namorados, principalmente à noite nos banquinhos da praça, pois durante o dia a falta de arborização a deixa pouco propícia para o lazer a céu aberto.

Devido à presença de um bar em seu entorno, um espaço da praça passa a ser apropriado para sediar as dependências do mesmo. Logo a praça mostra-se muito movimentada nos dias de jogos,

pois os torcedores gostam de assistir o jogo no bar com os amigos e ao mesmo tempo fazem uma confraternização. E, embora seu espaço seja para realização de eventos, as festas são realizadas em outros locais e não nela, pois seu espaço não comportaria um grande número de pessoas ao mesmo tempo e também é dividido em camadas.

Os moradores percebem esse espaço livre como um lugar bem valorizado e agradável, pois apesar de sua vasta extensão de concreto, possui em seu entorno árvores que tornam o ambiente agradável, e ao mesmo tempo bem próximo a Praça Nossa Senhora da Conceição.

Praça Cursino Jacobina

A praça, além de seus elementos arbóreos, ela tem uma forte presença religiosa e cultural, sendo cede uma estatua de Padre Cicero, logo no dia desse padroeiro ocorre neste local, celebrações onde grande parte da população acende velas no altar como devoção, faz pedidos e orações. Mas, tirando essa época de devoção, a praça é frequentada pela população em geral, principalmente por idosos e adolescentes devido a seu ambiente agradável e sombreado, principal benefício citado pelos frequentadores.

Todos os dias, próximo da Estatua, moradores, em sua maioria idosos da rua ou ruas vizinhas, se encontram para jogarem dominó ou baralho, além de jogar conversa fora, como disse um dos senhores que tem essa pratica na brincadeira com os amigos: "um bando de desocupado". Essas pessoas, em sua maioria, são senhores aposentados ou que se encontram em horários para lazer na praça, salienta-se ainda que estudantes também participam desses encontros e atividades.

Ao lado do canteiro localizam-se borracharias e oficinas. Assim, as pessoas colocam seus transportes na sombra das arvores de grande porte enquanto esperam serem atendidas. Os moradores também estacionam seus veículos ao lado do canteiro usufruindo da sombra proporcionada, principalmente composta por amendoeiras e algarobeiras.

Esse espaço livre, segundo a secretária de infraestrutura do município é um canteiro, porém a população a designaram de praça, e devido aos modos de usos e apropriações e certas épocas nela estabelecidas, esse espaço passa a ser considerada e desempenha o papel de praça, assim sendo considerada nos estudos como uma praça.

Canteiro Central da Avenida Raimundo Calado

Na percepção da população da Avenida Raimundo Calado, em relação a esse espaço arborização, possui a importância materializa pela sombra fornecida, por servir de *habitat* para os pássaros, além de acreditarem que preserva o meio ambiente (mas a população não especificou como se dá essa preservação ambiental).

Na visão de uma comerciante que se apropriou do espaço do canteiro com a colocação de uma barraca de doces e salgadinhos, antes de tudo a comerciante explica que estabeleceu sua barraca ali porque não encontrou qualquer impedimento por parte da gestão do município para tal ato. Assim, quando ela foi colocar a barraca há anos atrás, pediu permissão ao responsável da Prefeitura que lhe concedeu a permissão.

A barraca é frequentada por pessoas de todas as idades que residem na avenida ou que passam por ali, só não é mais frequentado por que não vende bebidas. Confere-se que a mesma se beneficia da presença da arborização, pois torna o ambiente mais agradável.

Apesar de um canteiro ter função de separa vias, esse em especial é colocado com espaço de uso e apropriação, não só com fim comercial, mas também por moradores que usam da sombra desse espaço para deixar seus veículos protegidos do sol. Também grupos de vizinho e amigos colocam no fim de tarde cadeiras embaixo das árvores para conversarem.

Com essas descrições foi percebido que de modo geral os espaços livres públicos de Correntes-PE, possuem utilizações parecidas, a percepção ambiental é restrita e diferenciada por parte de moradores, esse fato se deve ao modo que cada um vive e percebe esses espaços, bem como seu grau de instrução, lhe permitindo maior entendimento sobre a importância de ter espaços livres e arborizados, favorecendo assim a um bom desenvolvimento ambiental no município. E principal apropriação estabelecida pelos fixos se dar devido a fatores econômicos, barracas, bar

improvisados, ou dos elementos dos próprios espaços livres públicos como estatual de santos, busto em homenagem as pessoas que deram nome as praças.

Também, foi feito a quantificação das espécies arbóreas mais presentes nos espaços livres de edificações estudados, através de seus nomes populares, identificando-se as seguintes árvores: Castanholas, Acácias, Algarobeiras, Castanholas, Ficus, Flamboyants, Palmeiras, Pata de Vaca e Pinheiro.

Sendo que, as espécies arbóreas identificadas não estão presentes em todos os espaços, assim, sua distribuição espacial em porcentagem nos espaços livres da Cidade de Correntes é a seguinte.

Tabela 1. Distribuição espacial da quantificação das espécies arbóreas por espaços livres.

Espécies Arbóreas / Espaços Livres	Praça Nossa Senhora da Conceição	Praça Pedro Alves Camelo	Praça Hercílio Victor da Silva	Praça Cursino Jacobina	Canteiro da Avenida Raimundo Calado
Acácias	9%	0%	27%	0%	0%
Algarobeiras	3%	6%	0%	44%	0%
Castanholas	0%	6%	20%	28%	36%
Ficus	41%	19%	0%	0%	25%
Flamboyants	0%	0%	0%	17%	0%
Palmeiras	20%	31%	7%	0%	0%
Pata de Vaca	6%	0%	0%	0%	8%
Pinheiro	0%	0%	0%	0%	3%
Outras espécies	21%	38%	46%	11%	28%

Fonte: Chaves, 2013.

Todos os espaços com exceção da Praça Pedro Alves Camelo, que é denominada praça de evento, são também áreas verdes, pois apresentam vegetação / arborização e solo permeável predominantemente em sua área. Assim, quanto mais espécies arbóreas quantificadas no espaço, maior é sua área de abrangência. É devido à presença arbórea que é percebido a importância ambiental dos espaços livres estudados.

Nesse contexto procurou-se, no decorrer do presente estudo, seguir a indicação colocada no trabalho de Amador (2009), que é ampliar o foco da pesquisa, pois:

Ao se ampliar o foco da observação, está-se tentando se aproximar da complexidade da questão. Pode-se perceber em que circunstâncias o fenômeno acontece, ver-se-á relações intra-sistêmicas e inter-sistêmicas. É possível perceber não mais um fenômeno, mas uma teia de fenômenos recursivamente interligados e, portanto, ter-se-á diante de si a complexidade do sistema. "Assim sendo, pode-se considerar o pensamento sistêmico como um novo paradigma da Ciência, trata-se de um novo ou renovado modo de pensar". (AMADOR, 2009, p. 69).

Dessa forma é possível o estudo do assunto abordado de forma sistêmica, o todo pretendido nos objetivos, entendendo as partes e os fenômenos estudados no cerne do todo, favorecendo para um novo olhar sem perder o foco da pesquisa. Assim, perceber além dos objetivos propostos, ter uma interação e participação forte no desenvolvimento do estudo, com análise subjetiva, sem deixar de lado os dados quantitativos relevantes para apreciação dos mesmos no desenvolvimento do presente trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento da pesquisa sobre o verde urbano, visualizado e analisado nos espaços livres públicos das principais praças e canteiro central do Município de Correntes-PE,

chegou-se às considerações de que os espaços livres públicos de Correntes-PE, com suas exceções, são bastante arborizados e contribuem, mesmo que timidamente, para o bom desenvolvimento ambiental.

A população de Correntes-PE costuma usufruir desses espaços de diversas formas, as quais mudam de acordo com o dia da semana e da funcionalidade de cada dia. Porém, apesar dos benefícios que a praça proporciona a população que a frequenta desfruta de um ambiente agradável, tanto para o lazer ou finalidade comercial, mas também se observou que alguns a utilizam ou, até mesmo se apropriam da praça e apresentam uma relação com a praça mediante a valorização dos elementos naturais ali presentes.

Percebe-se, ainda, que a maioria dos frequentadores não dispõe de conhecimento suficiente acerca dos benefícios que a arborização desempenha para o ambiente urbano. Sendo necessária, então, uma conscientização para a população de uma maneira geral, quanto à presença arbórea na praça, bem como a valorização da mesma do ponto de vista subjetivo e afetivo tornando-se importante, assim, para o bom desenvolvimento do ambiente da cidade e da vida dos moradores da cidade.

E a percepção nem sempre é de maneira compartilhada, pois cada um tem sua maneira de ver e se relacionar com o espaço, porém concordam coletivamente com a importância que esses espaços desempenham para a cidade. O grau de instrução é outro fator que contribui para uma melhor percepção, bem como, comportamentos mais adequados, coisas que não é vista por partes de alguns frequentadores, os quais acabam jogando lixo tendo, entre os itens principais embalagem de lanches no chão das praças.

Assim, esse estudo é uma pequena contribuição geográfica no âmbito humanista, no qual tem na subjetividade resultados e análises de uma pesquisa de iniciação científica, que contribui para um melhor entendimento do local. Nele, se verifica a realidade vivida em espaços públicos e todos os modos de relações nele desenvolvida. Verificou-se que o espaço apesar de público é apropriado, e por vezes, até um pouco privatizado para determinado fim econômico.

Com base em literaturas específicas sobre o tema que possibilitassem a apreensão a respeito do conceito de espaço livre, outros entendimentos, categorias e definições, bem como, realizar pesquisas dentro de métodos que vejam as relações, contribuições e importância desses espaços, para a sociedade e ao próprio ambiente urbano. Pesquisas que devem ser divulgadas para que um conjunto maior da sociedade tome conhecimento e, para que possam compreender melhor as relações que as mesmas desenvolvem.

Os espaços livres públicos são de responsabilidade pública, mas cabe a cada um zelar por esse patrimônio de uso coletivo. E aos órgãos competentes realizarem as manutenções necessárias, porém nem sempre se vislumbra isso na realidade. Assim, os espaços livres se tornam inadequados ao desenvolvimento de algumas atividades e sua composição vegetal / arbórea maltratada e até oferecendo risco à população, uma vez que se evidenciam em estado de deterioração.

Por isso é importante se conhecer como os espaços públicos são utilizados, promover manutenção adequada e segurança a esses lugares importantes ao convívio coletivo. No caso de uma cidade pequena como Correntes-PE, tranquila, as atividades inadequadas nesses espaços ainda não colocam o bem estar público em perigo, todos os espaços públicos são frequentados sem discriminação pela população. Apropriações econômicas possibilitam que pequenos comerciantes possam obter uma renda necessária a sua sobrevivência, enquanto os frequentadores desses espaços dispõem de opções que o permitam durante maior tempo nas praças, usufruindo de um lugar social e agradável.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são direcionados a Universidade de Pernambuco - *Campus* Garanhuns, pois com seu Programa de Fortalecimento Acadêmico (PFA – UPE), possibilita aos universitários o ingresso no mundo de desenvolvimentos de Pesquisas de Iniciação Científica. Assim contribuindo para uma maior desenvoltura a seus estudantes, lhes permitindo uma dedicação maior a seus estudos, ao mesmo tempo em que se tornam pessoas mais atuantes

na sociedade ao contribuírem, também, com suas produções. Agradecimento especial a Orientadora das pesquisas que contribuíram através da socialização de conhecimento, oportunidades acadêmico-científicas, bibliografias pertinentes, orientações necessárias para o desenvolvimento intelectual e também pessoal. E não podendo esquecer-se de agradecer aos amigos pelo apoio e troca de ideias ao logo desse processo de iniciação científica.

REFERÊNCIAS

AMADOR, Maria Betânia Moreira. **Sistemismo e sustentabilidade**: questão interdisciplinar. São Paulo: Scortecci, 2011.

_____. O pensamento de Edgar Morin e a geografia da complexidade. **Revista Científica ANAP Brasil**, n. 2, ano 2 – p. 60-76. 2009. Disponível em: <http://amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/anap_brasil/article/view/15/16>. Acesso em: 23 de abril de 2013.

BENINI, Sandra Medina; MARTIN, Encarnita Salas. Decifrando as áreas verdes públicas. **Revista Formação**, n.17, volume 2 – p. 63-80, 2011. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/viewFile/455/489>>. Acesso em: 15 de outubro de 2013.

CAVALHEIRO, Felisberto *et. al.* Proposição de terminologia para o verde urbano. Boletim Informativo Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, Rio de Janeiro: **SBAU**, ano VII, n.3, p.7, jul./ago./set. 1999. Disponível em: <<http://www.geografia.ufpr.br/laboratorios/labs/arquivos/CAVALHEIRO%20et%20al%20pdf>>. Acesso em: 05 de maio de 2013.

CAVALHEIRO Felisberto; DEL PICCHIA, Paulo Celso Dornelles. Áreas verdes: conceitos, objetivos e diretrizes para o planejamento. **Anais...1º Congresso Brasileiro Sobre Arborização Urbana e 4º Encontro Nacional Sobre Arborização Urbana**. Vitória – ES, p. 29-38. 13 a 18 de setembro, 1992. Disponível em: <[http://www.geografia.ufpr.br/laboratorios/labs/arquivos/CAVALHEIRO%20et%20al%20\(1992\).pdf](http://www.geografia.ufpr.br/laboratorios/labs/arquivos/CAVALHEIRO%20et%20al%20(1992).pdf)>. Acesso em: 05 de maio de 2014.

CHAVES, Ana Maria Severo; AMADOR, Maria Betânia Moreira. Uso e apropriação da praça nossa senhora da conceição: uma visão da sustentabilidade ambiental do espaço público de Correntes-PE. **IX Fórum Ambiental da Alta Paulista**, v. 9, n. 4, p. 01-17, 2013. Disponível em: <http://amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/forum_ambiental/article/view/491/517>. acesso em: 22 de dezembro de 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo César da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FALCÃO, Pedro Henrique de B. Pesquisa qualitativa em educação: da construção do objeto à análise. In: GOLFARB, Maurício Costa; FREITAS, Vera Lúcia Chalegre. **Educação e ciências**: diálogos interdisciplinares. Recife: EDEPE, 2009

LOBODA, Carlos Roberto; DE ANGELLIS, Bruno Luiz Domingos. Áreas verdes publicas: conceitos, usos e definições. **Ambiência Guarapuava**, PR. v.1 n.1 p. 125-139 jan./jun. 2005. Disponível em: <[file:///D:/Users/PC/Downloads/157-626-1-PB%20\(2\).pdf](file:///D:/Users/PC/Downloads/157-626-1-PB%20(2).pdf)>. Acesso em: 17 de maio de 2012.

LIMA, Ana Maria Liner Pereira *et. al.* Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos. In. 2º Congresso Brasileiro Sobre Arborização Urbana, 1994, **Anais...** São Luís. p. 539-550. Disponível em: <[http://www.geografia.ufpr.br/laboratorios/labs/arquivos/LIMA%20et%20al%20\(1994\).pdf](http://www.geografia.ufpr.br/laboratorios/labs/arquivos/LIMA%20et%20al%20(1994).pdf)>. Acesso em: 10 de agosto de 2012.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Eliane Lisboa. Porto alegre: Sulina, 2005.

PEREIRA, Luiz Andrei Gonçalves; CORREIA, Idalécia Soares; OLIVEIRA, Anelito Pereira de. Geografia fenomenológica: espaço e percepção. In: **Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v. 11, nº 35, p. 173 – 178, 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/16271/9135>>. Acesso em: 02 de junho de 2014

SÁ CARNEIRO, Ana Rita; MESQUITA, Liana de Barros. **Espaços livres de Recife**. Recife: prefeitura da cidade do recife/Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

SERPA, Angelo. **O espaço público no espaço contemporâneo**. São Paulo: Contexto, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisas em ciências sociais: a pesquisas qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2012.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar: perspectiva da experiência**. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983

TUAN, Yi-fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Ed. Difel, 1980.